

# REVISTA MARACANAN

**Dossiê**

## **O epos no feminino e a trilogia épica de soror Maria de Mesquita Pimentel (paratextos e contextos)**

*The epos by woman and the epic trilogy by sister Maria de Mesquita Pimentel  
(paratexts and contexts)*

**Geise Kelly Teixeira da Silva\***

Universidade do Porto  
Porto, Portugal

**Recebido em:** 12. abr. 2021.

**Aprovado em:** 10 jul. 2021.



---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Brasil.

\* Investigadora integrada do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória" -, vinculada ao Grupo de Investigação "Sociabilidades e Práticas Religiosas. Doutora em em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (geisekelly21@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7759-0502>

 <http://lattes.cnpq.br/251186521108727>

## Resumo

Este trabalho apresenta uma abordagem sobre a produção épica de autoria feminina do período moderno, centrando-se particularmente sobre a trilogia épica de Soror Maria de Mesquita Pimentel: o *Memorial da Infância de Cristo*, o *Memorial dos Milagres de Cristo* e o *Memorial da Paixão de Cristo*. A partir de uma análise dos seus paratextos, sublinham-se alguns aspectos que permitem compreender como estes elementos periféricos ao texto (dedicatória, poemas laudatórios, licenças de impressão, prólogo) contribuem para a compreensão geral das obras, permitindo recuperar informações sobre o contexto de produção e de recepção das mesmas, bem como identificar os objetivos e estratégias que subjazem às intenções criadoras destes poemas em sede conventual feminina.

**Palavras-chave:** Poesia épica feminina. Escrita das mulheres. Idade Moderna.

## Abstract

This essay examines epic poetry written by women during the modern period, focusing particularly on the epic trilogy by Sister Maria de Mesquita Pimentel: the *Memorial da Infância de Cristo*, the *Memorial dos Milagres de Cristo* and the *Memorial da Paixão de Cristo*. On the basis of an analysis of its paratexts, some aspects are highlighted that allow us to understand how these additional elements to the text (dedication, laudatory poems, licenses, prologue) contribute to the general understanding of the works, helping to recover information about the context of their production and reception as well as to identify the objectives and strategies that are behind the creative intentions of these poems in the female convents. Corpo do abstract em inglês. 9, justificado.

**Keywords:** Epic poetry by woman. Women writing. Modern Age.

## Um breve olhar sobre o épico feminino

A reflexão literária dinamizada em torno do gênero épico centrou-se apenas em alguns poemas, deixando de parte textos que se construíram sob os modelos clássicos e renascentistas, como foi o caso, por exemplo, das epopeias religiosas. Esta atitude, centrada apenas nos grandes modelos épicos, traduziu-se numa exiguidade de estudos que permaneceu constante até finais do século XX, e no caso das epopeias de autoria feminina, foi ainda mais evidente. Talvez a esta ausência se possa atribuir o fato de, ainda hoje, se desconhecerem os textos épicos escritos por mulheres, por exemplo, seja porque o número de poemas dessa tipologia seja exíguo, seja porque apenas muito recentemente se conheceram algumas obras que a historiografia literária, por razões de índole diversa, silenciou.

Com efeito, a pouca visibilidade conferida à mulher ao longo dos séculos passados contribuiu para que toda uma considerável produção literária de numerosas escritoras dos séculos XVI, XVII e XVIII permanecesse alheada do cânone do panorama literário destes séculos. Assim, o cânone e o estudo da poesia épica confinaram-se predominantemente à produção literária de autoria masculina, silenciando a existência dos contributos literários produzidos por mão feminina. Apesar do ceticismo quase generalizado relativamente à capacidade de a mulher produzir uma obra num gênero considerado “maior”, os estudos mais recentes têm, no entanto, progressivamente demonstrado que a realidade era outra. Algumas mulheres não só escreveram, como também chegaram a alcançar, naqueles séculos, alguma notabilidade.

No contexto europeu, não foram raras as mulheres que então se aventuraram a escrever longos poemas narrativos de matriz épica, como tem vindo a ser demonstrado pelos estudos mais recentes. Em Itália, por exemplo, o ambiente parece ter sido propício a que algumas mulheres escrevessem na moldura deste gênero. Virgínia Cox, em *The Prodigious Muse - Women's writing in Counter-Reformation Italy*, regista, pelo menos, onze poemas épicos de autoria feminina. Para além dos antigos poemas de Faltonia Betitia Proba (séc. IV), reunidos sob o título *Cento Virgilianus de laudibus Christi*, e de Eudócia (séc. V) (outra poeta que, assim como Proba, escreveu alguns cantos sobre a vida de Cristo baseados em Homero e Virgílio), Cox refere ainda, para o século XV, o nome de Lucrezia Tormabuoni de' Medici (1425-1482), “whose ottava rima religious narratives, though unpublished, were known by reputation in this period”.<sup>1</sup> Já a partir de finais do século XVI, a autora regista também as oitavas *Pianto della Madonna* e *Della*

---

<sup>1</sup> COX, Virgínia. *The Prodigious Muse: women's writing in Counter-reformation Italy*. Baltimore: The Johns Hopking University Press, 2011, p. 130.

*gloria del Paradiso*, inseridas em *Rime spitali*, de Francesca Turina; *Le passione di Christo* (1582) e *La resurrettione di Giesu Christo* (1592), de Moderata Fonte; os poemas hagiográficos de Lucrezia Marinella,<sup>2</sup> intitulados *La Colomba sacra* (1595), de quatro cantos, e *Vita del serafico, et glorioso S[an] Francesco* (1597), de três cantos; e ainda *David perseguitato*, de Maddalena Salvetti, poema baseado no Antigo Testamento e o único sobrevivente desse período, «published posthumously as a three canto fragment but evidently conceived as a full-scale epic work».<sup>3</sup> Para o século XVII, mencione-se também o poema, em vinte e sete cantos, *L'Enrico, overo Bisanzio acquistato* (1635), de Lucrezia Marinella; *La Scanderbeide*, poema constituído por vinte e três cantos, de Margherita Sarrochi e cuja primeira versão foi publicada incompleta em 1606 e, posteriormente, uma segunda versão, completa e revista, em 1623. Outros nomes que também figuram nesse âmbito são os de Isabella Andreini e Veronica Franco, cujos poemas épicos não é possível hoje saber se foram concluídos ou apenas iniciados.<sup>4</sup>

Na Península Ibérica temos alguns exemplos notáveis da construção de epopeias por mão feminina e, entre eles, não poderíamos deixar de mencionar, é claro, a *Hespaña Libertada* (1618), de D. Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644). Este poema épico, composto de vinte cantos em oitava rima, é constituído por duas partes, mas somente a primeira foi publicada em vida da autora. A segunda só chegou a vir a lume em 1673 por iniciativa de sua filha, Maria Clara de Meneses, mas, “*aún así, no quedó completa*”, já que alguns detalhes dessas obras indiciam, entretanto, que haveria ainda uma terceira parte, que nunca chegou a ser escrita pela autora.<sup>5</sup>

De acordo com Thereza Leitão de Barros, “durante a primeira metade do século XVII, não houve, certamente, em Portugal, mulher que gozasse melhor fama de letrada e de virtuosa do que a celeberrima D. Bernarda Ferreira de Lacerda, que foi poliglota e erudita, poetisa épica e lírica, musa de poetas nacionais e estrangeiros, portento e raridade que fez esgotar os mais rebuscados adjectivos encomiásticos”.<sup>6</sup> A sua obra gozou, de fato, de grande reputação na Península Ibérica, merecendo elogios de Miguel Leitão de Andrada, Fr. Francisco da Natividade, Lope de Vega, António Figueira Durão, Manuel de Faria e Sousa, Manuel de Galhegos, entre outros.

Após o conhecimento de todas essas senhoras europeias que produziram poesia épica, a publicação de *Hespaña Libertada*, em 1618, já não nos surpreende tanto, quando relacionada com o contexto italiano dos séculos XVI e XVII. No entanto, não deixava de ser invulgar, naquela altura, uma mulher — portuguesa ou não — ter obra sua editada, muito mais tratando-se de um

---

<sup>2</sup> Segundo Virgínia Cox, Marinella “*was the female writer of this era who participated most significantly in the Counter-Reformation’s drive to convert epic to religious purposes*”. Para além dos dois poemas mencionados, Marinella escreveu uma *Vita di Maria Vergine*, publicado em 1602. *Ibidem*, p. 142.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 131

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 164

<sup>5</sup> BARANDA, Nieves. «Mujer, escritura y fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda». In *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, n. 0, Madrid, 225-239, 2003, pp. 225-239.

<sup>6</sup> BARROS, Teresa Leitão de. *Escritoras de Portugal: Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa* (2 vols.). Lisboa: Tipografia de Antonio B. Antunes, 1924, p. 173.

poema épico. Entre os fatores que poderão ter favorecido a escrita e a edição de seu poema, explica-nos Nieves Baranda que estes se justificam se a considerarmos “*como resultado de un proceso meditado de promoción de su autora: la fecha, el género, el tema, la lengua, el destinatario, la continuación demorada, son aspectos que pueden ser interpretados desde este punto de vista y corroborarlo*”.<sup>7</sup> Entre esses fatores, “*el género elegido no podía ser más adecuado, porque todos los tratadistas elevaban la épica a la cúspide de los géneros literarios, con lo que ser autor de una epopeya era acercarse a la cima del parnaso poético, donde una mujer, si no era musa, resultaba muy conspicua*”.<sup>8</sup> No entanto, e atendendo a que a visibilidade editorial feminina portuguesa tem a mancha predominantemente monástica, talvez não tenha sido alheia a esta publicação a grande devoção de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, cuja vocação carmelita não conseguiu seguir, por proibição familiar.<sup>9</sup>

Este último fator, embora não decisivo, pode ter certamente favorecido a edição e recepção desse poema no século XVII. O fato de uma mulher jovem como Bernarda Ferreira de Lacerda fazer editar um poema épico era motivo de curiosidade e admiração,<sup>10</sup> ainda que objeto de um certo ceticismo. No entanto, este fato não foi suficiente para lhe conceder um grande prestígio quando comparada com a perfeição de outros poemas épicos da altura, como Camões ou Tasso, face aos quais a sua obra seria considerada inferior. A *Hespaña Libertada*, apesar de bem acolhida, não deixou de ser considerada mais próxima de uma crónica rimada do que de um poema épico, pela “*falta de ornato, de descripciones elaboradas o de una concepción heroica de la mayoría de los personajes*”.<sup>11</sup>

Não deixa de surpreender que, para o caso da Península Ibérica, poucos tenham sido os poemas épicos de autoria feminina de que se tem conhecimento. Os catálogos de que dispomos revelam, de fato, uma enorme lacuna quanto às obras escritas por mulheres. Mesmo no âmbito da épica religiosa, temática em que mais naturalmente as senhoras se sentiam propensas a escrever,<sup>12</sup> não encontramos muitas amostras desse gênero. Apenas a título de exemplo, entre os mais de cento e vinte poemas que aparecem inventariados no *Diccionario de Historia Eclesiástica de Espanha*,<sup>13</sup> enquadrados entre a segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVIII, aparecem referidas apenas a obra *La Pasión de Cristo*, de

<sup>7</sup> BARANDA, Nieves. *Op. cit.*, p. 236.

<sup>8</sup> *Ibidem*, pp. 236-237.

<sup>9</sup> MORUJÃO, Isabel. *Por trás da grade. Poesia conventual feminina em Portugal (Séculos XVI – XVIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, p. 141.

<sup>10</sup> BARANDA, Nieves. *Op. cit.*, p. 236

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 231.

<sup>12</sup> O enquadramento comportamental feminino assim o determinava, pois às mulheres se recomendava que lessem apenas ou sobretudo obras religiosas.

<sup>13</sup> ALDEA VAQUERO, Quintín *et al.* *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*, Madrid: Instituto Enrique Florez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1972. As obras que aparecem aqui inventariadas, citadas no verbete «Epica Religiosa», trata-se de poemas longos e curtos e de temáticas diversas, como o da paixão e ressurreição de Cristo, temas marianos, vidas de santos, tema do sacramento, personagens bíblicas do Antigo Testamento, vida de S. Inácio, entre outros.

Helena da Silva (portuguesa), e dois poemas do século XVIII: o *Poema de la Historia de la Pasión del Señor* (1744), de Sor Beatriz Ana Ruiz; e *Vida de nuestra Seráfica Madre de Santa Clara. Que escribía...* (1700), de Sor Mariana Sallent.

Já em Portugal, para o mesmo período, parece-nos igualmente intrigante a falta de referências a poemas épicos escritos por senhoras, sendo poucos os exemplos conhecidos.<sup>14</sup> Para além da obra de D. Bernarda Ferreira de Lacerda que ainda há pouco referi, será dos conventos femininos (e não da corte) que nos surgem alguns dos raros exemplos de incursões neste gênero. Com efeito, entre os meandros desse universo literário, é possível encontrar indícios de uma certa tradição de poemas narrativos hagiográficos de inscrição épica. Hoje, muito menos conhecido do que outros gêneros mais prolíficos da literatura então cultivada nos conventos femininos (como a biografia, a novela alegórica e a epistolografia, por exemplo), o gênero épico constitui um marco especialmente particular dentro do fenómeno da literatura conventual feminina e seiscentista, quer pelo fato de se tratar de um gênero bastante normativo e a que poucas senhoras se aventuravam, quer ainda por configurar uma prática literária pouco frequente na globalidade da poesia escrita pelas religiosas de clausura.

Entre os exemplos épicos de contexto monástico mencionados por Isabel Morujão em *Por trás da grade*<sup>15</sup>, refira-se, por exemplo, o poema do século XVI intitulado *Vida de Nossa Senhora*, de D. Helena da Silva, que, entretanto, se perdeu. Já no século XVIII, regista-se *Ave Peregrina* e *Primaz do Ermo*, dois poemas — em cinco e sete cantos, respetivamente — que se encontram inseridos em *A Preciosa. II Parte. Obras de Misericórdia*,<sup>16</sup> de Soror Maria do Céu. Muito menos exigente a nível formal, podemos citar ainda as oitavas decassilábicas de Soror Madalena da Glória publicadas em *Orbe Celeste*,<sup>17</sup> a saber *Cristo baixando o limbo*, de catorze oitavas, e *Jacob e Raquel*,<sup>18</sup> de cento e cinquenta e nove oitavas. Refira-se também as oitavas decassilábicas, de Soror Maria do Céu, intituladas *Vida de Santa Doroteia*, de oito oitavas, e *Metáfora da Vida de Santa Petronilha, filha do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro*,<sup>19</sup> de quarenta e três oitavas.<sup>20</sup>

<sup>14</sup> Não sabemos se a isso deve ser atribuído o fato de que, deste lado de cá, as mulheres não estavam tão familiarizadas com a escrita de tal gênero – já que a realidade da escrita feminina em Portugal era diferente daquela que se verifica, por exemplo, em Itália – ou se porque a investigação nessa área ainda carece de estudos mais aprofundados. Não é de ignorar também o fato de que muitas dessas obras se foram perdendo com o passar dos séculos, chegando ao nosso conhecimento apenas através dos relatos de cronistas.

<sup>15</sup> MORUJÃO, Isabel. *Op. cit.*, p. 140.

<sup>16</sup> CÉU, Maria do (Soror). *A Preciosa. Obras de misericórdia*. Segunda Parte. Lisboa Ocidental: na Oficina de Música, 1733.

<sup>17</sup> GLÓRIA, Madalena da (Soror). *Orbe Celeste Adornado de Brilhantes Estrelas e Dois Ramilhetes*. Autora Leonarda Gil da Gama. Lisboa: Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Rainha, 1742

<sup>18</sup> A propósito deste poema, ver MORUJÃO, Isabel. «Da Bíblia à Poesia - Jacob e Raquel: outros são os degraus». *Revista Via Spiritus*, 13, 97-119, 2016, pp. 97-119.

<sup>19</sup> CÉU, Maria do (Soror). *Obras Várias e Admiráveis da M. R. Madre Maria do Céu...*, Lisboa: Manuel Fernandes da Costa, 1735.

<sup>20</sup> Exemplos referidos por MORUJÃO, Isabel. *Op. cit.*, pp. 140-143.

Também T. Lino de Assumpção testemunha que, neste mesmo século, uma religiosa do Lorvão havia deixado escrito um poema épico em dez cantos, intitulado *Laureolas cristalinas. Poema heroico-sacro formado das prodigiosas vidas das melhores sereyas do Mondego as Serenissimas e Augustissimas Raynhas S. Thereza e S. Sancha com elogio á Inclita Raynha de Portugal S. Isabel Aragoneza*.<sup>21</sup> Este poema, da autoria de Quitéria Rosa Ferreira Themudo de Lacena e Salema,<sup>22</sup> nunca chegou a ser editado e, sobre ele, apenas se encontram algumas referências na obra *As freiras de Lorvão* (1899), que transcreve algumas oitavas do canto VI do poema.<sup>23</sup> A partir delas, é interessante observar como, ainda em finais do século XVIII, vigorava o entrecruzamento de matérias clássicas e religiosas no âmbito da produção literária da clausura feminina e como não se encontrava ainda de todo esgotado o modelo semiótico do gênero.

Em todo este panorama da escrita feminina do épico destacam-se os três poemas, que constituem o *corpus* central deste trabalho, redigidos por Soror Maria de Mesquita Pimentel, religiosa cisterciense no mosteiro de S. Bento de Cástris, em Évora: o *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (editado em 1639), o *Memorial dos Milagres* e o *Memorial da Paixão*.<sup>24</sup> Estes dois últimos permaneceram manuscritos até o século XXI.<sup>25</sup> A verdade é que durante muito tempo se acreditou que esses poemas estavam perdidos. Sabia-se apenas da sua existência, como testemunhara Inocêncio Francisco da Silva: “Vi-as, e se não me engano, autógrafas, na coleção de poemas que possuía o muitas vezes citado Francisco de Paula Ferreira da Costa. Continha a segunda parte da vida e milagres de Cristo, e a terceira a sua paixão”.<sup>26</sup> Estes poemas surpreendem quer por terem todos a mesma autoria, quer pela qualidade literária que inevitavelmente lhes assiste; e surpreendem sobretudo por serem exemplar único em contexto monástico (na sua extensão e respeito pelas normas do gênero), num período em que

---

<sup>21</sup> Este poema inédito encontra-se preservado na BNP.

<sup>22</sup> Não encontramos muitas referências, para além da que é aqui citada, que abordam sobre essa religiosa, cujo nome não é referido nem na bibliografia mais antiga, nem na que recentemente temos acesso e que se dedica a inventariação das escritoras dos séculos XVI, XVII e XVIII. O nome dessa religiosa não é referido, por exemplo, na plataforma *Women Writers in portuguese before 1900*, nem no recente *Dicionário de escritoras portuguesas* (2009).

<sup>23</sup> Cf. ASSUMPÇÃO, T. Lino da. *As freiras de Lorvão (ensaio de monografia monástica)*. Coimbra: França Anado, 1899, pp. 173-177.

<sup>24</sup> Para um conhecimento mais abrangente a respeito destas obras, ver SILVA, Geise Kelly Teixeira da. *Poesia épica feminina em Portugal: os Memoriais de Soror Maria de Mesquita Pimentel (século XVII)*. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

<sup>25</sup> Embora tenha sido editado muito recentemente (2014), o *Memorial dos Milagres de Cristo*, tal como o *Memorial da Paixão*, sobreviveram apenas em versão manuscrita não autógrafa, tal como é possível constatar a partir das várias mãos que a cópia da BPE apresenta. É justamente no códice 406 da Coleção Manizola, que se encontra uma cópia não autógrafa desse poema, que ocupa os primeiros duzentos e noventa e dois fólios do manuscrito, também constituído pela terceira parte da trilogia épica, correspondente ao *Memorial da Paixão*, que, entretanto, já se encontra no prelo e em cuja edição estive a colaborar.

<sup>26</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliographico Portuguez*. Vol. 6. Lisboa: Imprensa Nacional, 1972[1858], pp. 141-142.

o épico era ainda um gênero dotado de grande vitalidade em Portugal, na esteira do prestígio alcançado pelo poema de Camões.<sup>27</sup>

Não nos interessa, contudo, proceder a um estudo abrangente e pormenorizado dos três poemas épicos de Soror Mesquita Pimentel, mas lançar um olhar mais atento sobre os seus paratextos, constituídos pelas licenças de impressão e poemas laudatórios, pelo prólogo ao leitor e pela dedicatória. Considerando que esses elementos textuais periféricos à obra constituem um “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente”,<sup>28</sup> permitindo assim identificar as estratégias postas em marcha pelo autor para captar o seu destinatário, analisaremos aqui alguns dos aspectos que caracterizam os paratextos dos Memoriais de Soror Pimentel, pois, para além de evidenciarem “a vertente pragmática” da obra, permitem recuperar informações preciosas sobre o contexto de produção e de recepção dos mesmos.

### **O Memorial da Infância de Cristo: uma obra, várias perplexidades**

Editado em 1639, em Lisboa, na oficina de Jorge Rodrigues, o *Memorial da Infância de Cristo*<sup>29</sup> é composto por um total de 156 fólhos. Os exemplares dessa obra hoje existentes são muito raros, tendo-se conhecimento de apenas cinco deles, dois dos quais só apenas recentemente foram localizados por nós. Antes, sabia-se da existência de três: um localizado na BPE, outro na BNP (e cuja edição é a utilizada por nós no âmbito desta teste) e outro na BNE, em Madrid. Os outros dois exemplares desse poema épico-bíblico que localizamos encontram-se, um no ANTT e outro, na Biblioteca de Livros Raros Thomas Fisher, da Universidade de Toronto.

As informações colhidas pelo cotejo desses cinco exemplares permitem-nos explicar a razão pela qual o *Memorial da Infância* só ter sido impresso em 1639. De fato, a edição de que dispúnhamos inicialmente (a da BNP) não contém os últimos despachos, datados de 1639, que se verificam, por exemplo, no exemplar que se encontra preservado no ANTT, antes desconhecido e sobre o qual, mais adiante, voltaremos a falar.

---

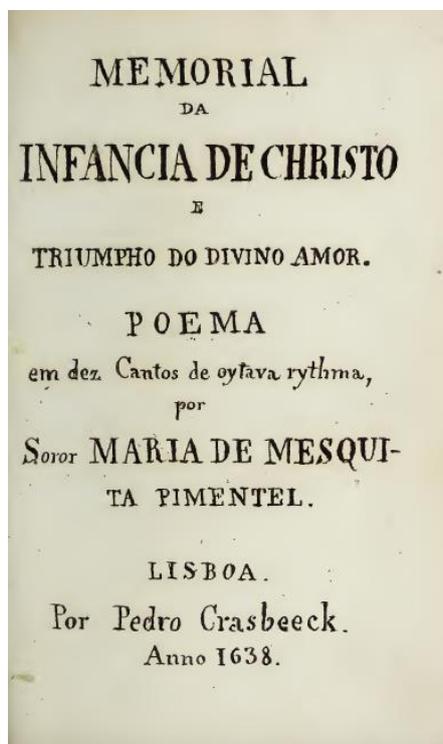
<sup>27</sup> Mesmo em S. Bento de Cástris, em Évora, não encontramos mais nenhum caso. Aliás, não houve nesse mosteiro uma significativa atividade literária, como observa Antónia Fialho Conde, o que não deixa de surpreender pelo fato de ter sido ele um mosteiro inserido num contexto favorecido pela presença da corte portuguesa e que acolheu, como se sabe, algumas mulheres de origem aristocrática. Antónia Fialho Conde refere que, no conjunto de 279 contratos de dotes localizados e analisados, é possível identificar a ocupação/estatuto social de quarenta e três pais. Segundo a autora, estes são identificados, maioritariamente, como fidalgos da Casa Real. Cf. CONDE, Antónia Fialho. *Cister ao sul do Tejo - O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. Lisboa: Edições Colibri, 2009, p. 229.

<sup>28</sup> GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 10.

<sup>29</sup> Esta obra saiu recentemente reeditada, em 2016, pela Editora Todas as Musas, sob a organização de Fabio Mario da Silva.

Também descobrimos apenas há alguns meses um outro exemplar (figura 1), numa Biblioteca da Universidade de Toronto, que pertenceu, segundo consta nas marcas de posse, a dois grandes bibliófilos portugueses, José Maria Nepomuceno e, posteriormente, Aníbal Fernandes Tomás. Relativamente a este exemplar, dir-se-ia que, entre os outros quatro a que tivemos acesso, ele é o que se encontra em pior estado de conservação, pois encontra-se quase completamente descaracterizado.<sup>30</sup> A encadernação é mais recente, pois a inscrição do título é manual, imitando a grafia dos caracteres tipográficos da edição de 1639. Quanto ao "Prólogo", também ele ausente deste exemplar, foi reconstituído, em parte, com letra manuscrita, datável do século XIX (figura 2), e talvez da iniciativa de José Maria Nepomuceno. Ao exemplar faltam ainda alguns fólhos correspondentes aos paratextos (como as licenças de impressão, a dedicatória, dois poemas laudatórios e as erratas). Na folha de rosto, encontramos informações que não condizem com a edição original, como, por exemplo, o subtítulo, que, ao invés de *Primeira parte*, apresenta *Poema em dez cantos de oitava rythma*. O ano da edição e o editor também não correspondem ao dos outros exemplares, pois a folha regista que foi editado em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, no ano de 1638, e não por Jorge Rodrigues, em 1639. Mas, tratando-se de informações acrescentadas à mão, não nos é possível concluir, a partir delas, pela existência de uma edição desde Memorial anterior à de 1639.

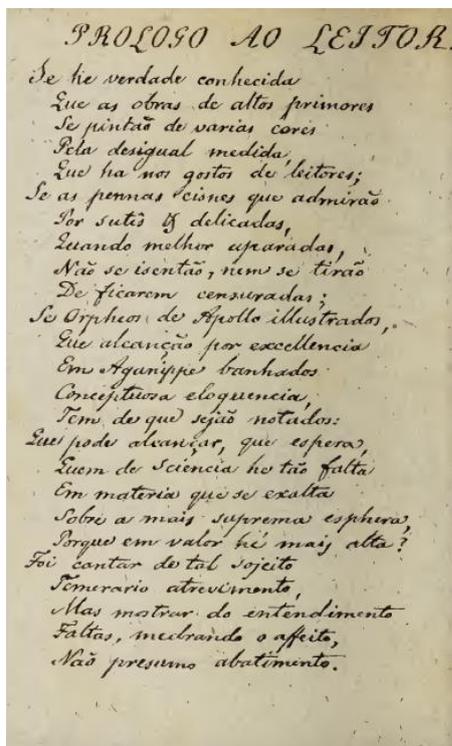
**Figura 1** – Folha de rosto do *Memorial da Infância*



Fonte: elaborada pela própria autora

<sup>30</sup> Este exemplar permite concluir que o exemplar circulou bastante e teve muito manuseio; ou então, que se deteriorou após a extinção do mosteiro.

Figura 2 – Folha de rosto do *Memorial da Infância*



Fonte: elaborada pela própria autora

Relativamente a esta última informação, não deixa de ser curioso notar que, alguns bibliófilos referem nos seus catálogos 1638 como o ano de edição do *Memorial da Infância*. Não encontramos, porém, nenhum exemplar que comprove uma edição anterior à de 1639. Talvez estes registos se tenham baseado nesta folha de rosto da edição de Toronto, cuja capa não é a original. Ou talvez tenha acontecido o contrário: que quem procedeu à alteração da folha de rosto tenha tomado por base a informação contida nesses catálogos.

Sobre a questão que imediatamente se levanta, quanto à localização de um exemplar do *Memorial da Infância* do outro lado do Atlântico, a explicação que nos ocorre é a de que, este exemplar, tendo pertencido à biblioteca de Aníbal Fernandes Tomás, que foi à leilão, terá sido adquirida pelo renomado Prof. Ralph G. Stanton, que doou posteriormente o livro a esta biblioteca. Segundo informa um boletim da University of Waterloo, este professor possuía uma das maiores coleções particulares de literatura clássica portuguesa do mundo, o que explica o seu interesse por uma obra seiscentista portuguesa. Segundo a mesma fonte, sua coleção foi doada à Biblioteca de Livros Raros Fisher da Universidade de Toronto em 1988 e, assim, entende-se como é que este memorial passou a integrar o catálogo desta livraria.

## Licenças de impressão

Por ter sido o único poema editado, o *Memorial da Infância* difere dos outros dois que lhe dão continuidade por ser constituídos pelas licenças de impressão, pela dedicatória, por poemas laudatórios e por um prólogo ao leitor, escrito em redondilha maior. As licenças de impressão que acompanham a edição do *Memorial da Infância* apresentam alguns dados intrigantes que importam referir. O primeiro deles diz respeito ao fato deste poema só ter sido editado vários anos após a sua entrada no Tribunal do Santo Ofício, pois, conforme se comprova nos paratextos, a obra já se encontrava pronta pelo menos desde 1633,<sup>31</sup> de acordo com o parecer emitido por Fr. Teodósio de Lucena, que escreve:

Por mandado do nosso Reverendíssimo Padre Frei Arsénio da Paixão, Geral e Reformador de nossa Sagrada Religião Cisterciense nestes Reinos e Senhorios de Portugal, e Algarve, li este livro composto em octava rima pela Madre Soror Maria de Mesquita, Religiosa do mosteiro de nosso Padre S. Bento da cidade [de] Évora da mesma Ordem, intitulado *Memorial da Infância de Christo e Triunfo do Divino Amor*. No qual não achei nada contra a nossa sagrada fé católica nem que encontre os bons costumes». Polo que, e por seu superior estilo, digno de tão alta matéria, aplicação de muitos lugares da Sagrada Escritura com explicações dos Padres, ornato de vários e altos conceitos, tudo verificado tão elegantemente que mostra grandeza de engenho natural, e artificioso, se lhe pode dar a licença que pede.<sup>32</sup>

O mais curioso ainda é que, só dois anos após o parecer emitido por Fr. Teodósio de Lucena, Frei Arsénio da Paixão concede licença a Soror Mesquita Pimentel para a impressão do *Memorial da Infância*. No seu texto, lê-se intrigantemente a referência a um *Memorial da Paixão* que a autora terá também composto. Se o Abade Geral de Cister refere este livro, concedendo-lhe parecer favorável à impressão, logo significa que havia chegado ao seu conhecimento um outro parecer, para além do referido acima. De outro modo, por que razão a licença do Geral de Cister refere o *Memorial da Paixão*, se o parecer anterior, em que teria que se fundamentar, não o contempla? Tudo indica, pois, que a licença do Geral de Cister pressupôs um parecer favorável a edição do *Memorial da Paixão*. Ora, o parecer de Teodósio de Lucena a que temos acesso, ao circunscrever a edição da autora a um único memorial, indica que outro Padre terá tido a ser cargo o parecer da *Paixão*, pois o Geral afirma que autoriza os “dois livros”, “vista a informação dos Padres a quem cometemos o exame dos ditos livros”. Por isso, em 17 de agosto de 1635,<sup>33</sup> afirmou:

Frei Arsenio da Paixão Dom Abade do Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, Geral e Reformador de todos os de sua Congregação nestes Reinos de Portugal, e Algarve, &c. damos licença à madre Soror Maria de Mesquita Religiosa do nosso Mosteiro São Bento de Cástris, extramuros da cidade de Évora, para que havidas as licenças ordinárias, possa dar à impressão dos livros que tem compostos,

<sup>31</sup> E não 1631, como refere a reedição moderna publicada em 2016, sob a organização de Fabio Mario da Silva.

<sup>32</sup> PIMENTEL, Maria de Mesquita (Soror). *Memorial da Infância de Christo e Triunfo do divino amor*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639, licença preliminar, fl. não numerado.

<sup>33</sup> Poderia suspeitar-se de que a data de 1635 poderia resultar de uma gralha de impressão. Mas a descoberta da Licença original dissipa qualquer dúvida.

intitulados um, *Infância de Cristo e Triunfo do divino Amor*. O outro, *Memorial da Paixão de Cristo*: vista a informação dos Padres, a quem cometemos o exame dos ditos livros: O Doutor Frei Paulo Brandão Secretário da sua Reverendíssima a fez.<sup>34</sup>

Como se pode ver nesta licença, o *Memorial da Paixão* também já se encontrava pronto para impressão, mas, por algum motivo que hoje desconhecemos, ele nunca chegou a ser editado. É possível que, ao chegar à mesa dos qualificadores do Santo Ofício, estes tenham encontrado alguns aspectos merecedores de reservas. Mas afigura-se-nos evidente esta aglutinação do *Memorial da Infância* com o *Memorial da Paixão*, porque sabemos que foram os dois primeiros poemas épicos que Soror Pimentel compôs.<sup>35</sup> Sabe-se, aliás, pelos seus comentários, que o primeiro Memorial a ser redigido foi o da *Paixão*, seguido pelo da *Infância* e, finalmente, os *Milagres* (um aspecto da vida de Cristo menos enaltecido na sua devoção, sobretudo pela orientação espiritual que se comprazia particularmente na contemplação da humanidade de Cristo). O mais intrigante ainda é o fato de, na licença concedida em Outubro de 1636 pelo censor Frei Dâmaso da Apresentação, qualificador do Santo Ofício, se mencionar uma terceira obra de Mesquita Pimentel, desta vez substituindo o *Memorial da Paixão* pelo *Memorial dos Milagres*:

Por mandado do Supremo Conselho do Santo Ofício, vi estes dois volumes cujo título é Memorial da Infância de Cristo, nosso Redentor, e de suas miraculosas obras na idade varonil,<sup>36</sup> e triunfos do divino amor, compostos em oitava rima por Madre Soror Maria de Mesquita Pimentel, Religiosa do Padre São Bernardo, no insigne Convento de São Bento de Évora. Demais de não achar cousa que repugne à pureza de nossa santa fé católica ou reformação de bons costumes, me parece obra superior a um sujeito feminino.<sup>37</sup>

Seis meses depois, em abril de 1637, o Doutor Frei Gaspar dos Reis, também qualificador do Santo Ofício, declara ter visto “estes dous tomos que em octava compôs a madre Soror Maria de Mesquita Pimentel, Religiosa do Mosteiro de S. Bento de Évora (...), intitulados Primeira e Segunda Parte do *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor*”.<sup>38</sup> Acrescenta ainda que “com as emendas que leva dos versos riscados e modificações de outros, entendo que não tem, cousa que seja contra nossa Santa Fé e bons costumes”.<sup>39</sup>

Depois de obtidas as primeiras licenças de impressão pelo Concelho do Santo Ofício, o *Memorial da Infância* e o *Memorial dos Milagres* recebem, portanto, o despacho dos desembargadores do Paço a autorizar a impressão dos dois tomos em maio de 1637, conforme

<sup>34</sup> PIMENTEL, Maria de Mesquita (Soror). *Op. cit.*, licença preliminar, fl. não numerado.

<sup>35</sup> Sobre a ordem de composição destes Memoriais, veja-se MORUJÃO, Isabel. *Literatura devota em Portugal no*

tempo dos Filipes: o Memorial da Infância de Cristo, de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In *Via Spiritus*, n. 5, 177-208, 1998, pp. 177-208.

<sup>36</sup> Este não é o título final da obra impressa. Estariam previstos dois volumes acoplados, como também sugere o Parecer de 1637 de Frei Gaspar dos Reis («primeira e segunda parte do Memorial da Infância»)?

<sup>37</sup> PIMENTEL, Maria de Mesquita (Soror). *Op. Cit.*, licença preliminar, fl. não numerado.

<sup>38</sup> *Idem.*

<sup>39</sup> *Idem.*

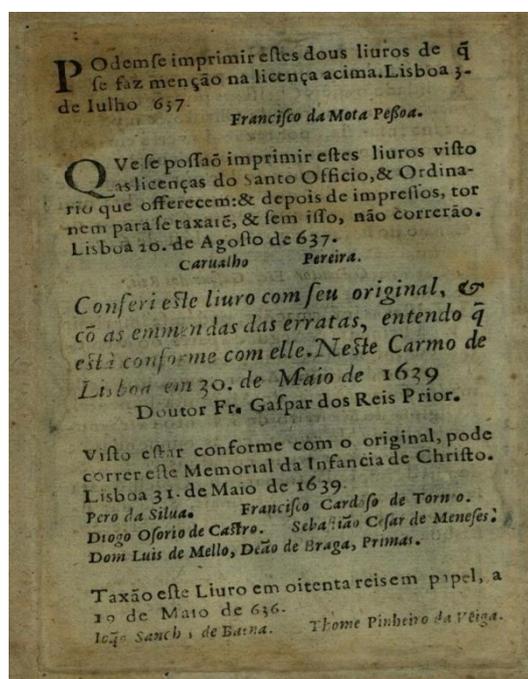
se vê na licença assinada por Manuel da Cunha, Pero da Silva, Francisco Cardoso de Torneo, Diogo Osório de Castro e Sebastião César de Meneses:

Vistas as informações, podem-se imprimir a Primeira e Segunda Parte do *Memorial da Infância e Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, compostos pela Madre Soror Maria de Mesquita Pimentel, Religiosa no Mosteiro de S. Bento extra muros da cidade de Évora, com as emendas e modificações que levam em alguns versos, e depois de impressas tornarão ao Conselho para se conferirem com os originais e se dar licença para correrem.<sup>40</sup>

A licença para os dois Memoriais parece depender, pois, da introdução de emendas que a autora concretizou (“com as emendas e modificações que levam em alguns versos”), pois ambos recebem as licenças dos desembargadores do Paço, ficando apenas a sua circulação dependente do pagamento da taxa.

Seguem-se ainda, nesse ano de 1637, duas licenças, em julho e em agosto, a referir que se podem imprimir os dois livros mencionados na licença anteriormente referida, isto é, o *Memorial da Infância* e o *Memorial dos Milagres*. Na última licença, com data de agosto desse ano, lê-se: “Que se possam imprimir estes livros visto as licenças do Santo Officio, & Ordinario que oferecem: & depois de impressos, tornem para se taxare[m], & sem isso não correrão”. Não restam dúvidas de que a primeira e a segunda partes da trilogia épica de Soror Mesquita Pimentel saíram juntas para a impressão. Só não se compreende a razão pela qual, tanto quanto hoje é possível saber, só o *Memorial da Infância* chegou a ser editado.

**Figura 3** – Licenças do *Memorial da Infância*



Fonte: elaborada pela própria autora

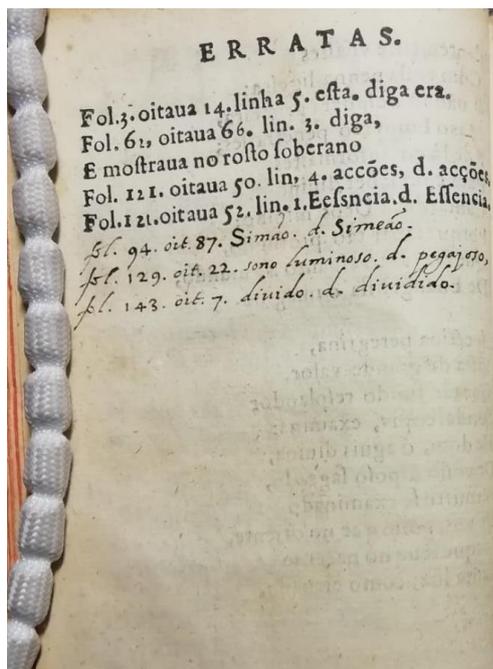
<sup>40</sup> PIMENTEL, Maria de Mesquita (Soror). *Op. cit.*, licença preliminar, fl. não numerado.

Quanto ao fato do *Memorial da Infância* (com a indicação de ser “primeira parte”) ter saído impresso dois anos após a última revisão dos desembargadores, estamos talvez, hoje, em condições de lhe dar resposta. De fato, uma leitura cotejada desses paratextos com os que constam em outros exemplares da *Infância* permite-nos acrescentar algumas novidades esclarecedoras. Com efeito, localizamos recentemente mais um exemplar (figura 3) desta obra no ANTT. Nele consta o registo das taxas necessárias para a circulação da obra impressa e as autorizações, datadas de maio de 1639, para que pudesse correr. Na primeira dessas autorizações, assinada por Frei Gaspar dos Reis, Prior, lê-se: “Conferi este livro com seu original, e com as emendas das erratas, entendo que está conforme com ele. Neste Carmo de Lisboa em 30 de maio de 1639”. Já na segunda, assinada por vários, consta que «visto estar conforme com o original, pode correr este *Memorial da Infância de Christo*. Lisboa 31, de Maio de 1639». O *Memorial dos Milagres* teve, certamente, um outro caminho.

Provavelmente, o *Memorial da Infância* só foi impresso dois anos após a última licença (emitida em 1637), pela demora na regularização da exigência das taxas, ou seja, pelo fato do valor da taxa requerida só então ter sido pago. Talvez não seja ousado concluir que o *Memorial dos Milagres*, que também havia obtido licença para impressão, possa ter sido editado, neste mesmo ano, não tendo, no entanto, circulado por falta de pagamento de taxa. Não vamos esquecer que a impressão de obras como as que estão em causa, escritas por uma senhora religiosa, não contava normalmente com o privilégio de patrocinadores. E nada se diz nos paratextos do *Memorial da Infância* sobre eventuais patrocínios. Aliás, a dedicatória é dirigida a N. Senhora do Desterro.

Estas informações sobre as taxas registam-se também no exemplar que se encontra preservado na BNE, que tem também a particularidade da sua errata ter sido acrescentada à mão com mais três gralhas encontradas (figura 4).

**Figura 4** – Erratas do *Memorial da Infância*



Fonte: elaborada pela própria autora

O que dizer, no entanto, do *Memorial da Paixão*? Este, conforme se verificou, ficou excluído, desde o início, dos pareceres dos censores. Muito provavelmente, ainda que esta obra tenha supostamente obtido a licença dos padres e do Abade Geral — já que assim se pressupõe a partir da licença referida por Frei Arsênio da Paixão — ao chegar à mesa do Santo Ofício, entretanto, os qualificadores encontraram nela algo que iria contra “a fé e os bons costumes”. De fato, conforme teremos a ocasião de aprofundar, algumas passagens do manuscrito do *Memorial da Paixão* exploram momentos algo nevrálgicos que poderão ter sido objeto de censura. Referimo-nos à expansão dada à ressurreição, por exemplo, ou à descida ao limbo.

Como explicar, contudo, o fato de o *Memorial dos Milagres* ter aparecido nas licenças sem sequer ter sido antes referido pelo Abade Geral de Cister? De fato, era comum que uma obra, antes de ser enviada para a mesa do Tribunal do Santo Ofício, obtivesse previamente o parecer do Abade Geral da ordem a que pertencia o seu autor. Só que, no caso de Soror Mesquita Pimentel, Frei Arsênio da Paixão não abrange na sua licença o *Memorial dos Milagres*, apenas o *da Infância* e o *da Paixão*. Isso pressupõe que haveria um prévio parecer favorável à edição da *Paixão* que o Fr. Arsênio teve acesso. Pois de outro modo não o referiria. Na altura de editar o *Memorial da Infância*, o editor coligiu apenas os pareceres e licenças que se reportavam explicitamente essa primeira parte da trilogia de Pimentel, ainda que eles tivessem sido dados, abrangentemente, para duas obras. Mas onde cabe mais, cabe menos.

## Dedicatória

O frontispício do Memorial da Infância (figura 5) traz estampada uma gravura de Maria, José e o Menino, aquando do regresso do Egipto no final do desterro de sete anos. Sendo este um episódio que foi amplamente retratado na arte cristã. Esta gravura poderia explicar, em princípio, a dedicatória do livro a N. Senhora do Desterro. No entanto, no texto da própria dedicatória a autora não faz referência a essa invocação mariana, embora, no canto VII da *Infância*, dê grande ênfase a esse episódio, ao longo de oitenta e cinco oitavas. Não seria arriscado dizer que a escolha desta invocação não nos parece ter sido da responsabilidade de Soror Mesquita Pimentel, que apenas abre a dedicatória com os seguintes dizeres: “À Sereníssima Virgem Maria mãe de Deus e Senhora nossa”, demonstrando apenas a sua inquestionável devoção a Nossa Senhora. Provavelmente, terá sido o próprio editor que talvez fez essa atribuição da obra a N. Senhora do Desterro, por conhecer a força da devoção entre os cistercienses ou por pretender adequar a dedicatória à gravura que tinha disponível.<sup>41</sup>

**Figura 5** – Folha de rosto do *Memorial da Infância*



Fonte: elaborada pela própria autora

Em vários momentos de sua dedicatória, Mesquita Pimentel realça, num discurso de louvor e amor à Santíssima Virgem, as doutrinas que remetem para os dogmas que, naquela época, se encontravam definidos pela Igreja, como o de *Theotokos* (“Maria mãe de Deus”) e o

<sup>41</sup> De fato, não encontro outra explicação que justifique o fato de a dedicatória do Memorial da Infância ter sido atribuída à N. Senhora do Desterro, senão por uma associação com a imagem que ilustra a capa (imagem cuja adoção é até compreensível, já que a obra retrata a infância de Cristo e dá ênfase à Sagrada Família). Em nenhum momento de sua dedicatória, porém, Soror Mesquita Pimentel refere essa invocação ou sequer o episódio do desterro no Egipto que assim a justifique. Como se pode observar, a autora parece muito mais realçar outros títulos conferidos à Maria e relacionados aos mistérios marianos — que foram, inclusive, objetos de grande devoção no mosteiro cisterciense de S. Bento de Cástris, conforme ilustram as suas capelas — como, por exemplo, a Encarnação.

da sua virgindade perpétua (“soberana sempre Virgem”). Mesquita Pimentel também evoca o papel de Maria como redentora da humanidade (“reparadora da geração humana”), por ela ter concebido o filho de Deus em seu ventre virginal. Nesta dedicatória, o discurso de louvor da religiosa de Évora recupera também de vários outros epítetos da Virgem, como “rainha dos anjos”, “sereníssima Virgem”, “mãe de formoso amor”, “soberaníssima senhora”.

Recuperando o tópico da humildade (de uso necessário às mulheres que naqueles séculos ousavam sair do horizonte de expectativas que delas tinha a sociedade), Mesquita Pimentel oferece à Virgem o seu *Memorial da Infância*, na esperança de que a oferta de seu dom seja capaz de engrandecer ainda mais a glória de que goza a Virgem no seu assento (“humilde creio, e espero confiada, sereníssima Virgem, que este rico dom que vos ofereço, há de afinar com glória accidental e essencial de que sempre estais gozando no precioso assento de nossa imortalidade”).

Mais adiante, a autora reforça que

Por sua divina interceção espero recebais meus entranháveis afeitos que em este assumpto vos consagro. E pois alcancei também por glorioso timbre de minha felicidade a honra de gozar de vosso nome santíssimo, alcance de vós minha alma o alento que necessita para que com obras de heroicas virtudes corresponda à dignidade d’el[e]: recebi Senhora minha, d’esta escrava vossa este fruto de meus trabalhos, debaixo de vossa proteção, e emparo, e com dilatados favores mostrai que vos dignastes d’ele, fazendo que fique impresso nas almas de todos os que o lerem: e a mim alcançai graça, para que mereça gozar de vós na glória, que logreis sem fim por toda a eternidade.<sup>42</sup>

Nestas últimas linhas, percebe-se a preocupação da autora de não só edificar o nome da Virgem Maria através do assunto (o do Menino Jesus) que se propõe abordar, mas também tornar essa história proveitosa a todos os que a lerem. Neste ponto, evidencia-se claramente a intenção pragmática que Mesquita Pimentel confere a este poema, manifestando o desejo de que a divina história que ele encerra fique gravada em todos os que a lerem.

### Poemas laudatórios

Alguns poemas laudatórios que antecedem o *Memorial da Infância* testemunham a recepção alargada e positiva que esta obra alcançou no seu tempo. Um primeiro aspecto que chama a atenção é a quantidade de poemas que figuram nas páginas preliminares, indício de que não foram poucos os que encontraram no poema épico da religiosa de Évora valências que justificassem a sua impressão. Com efeito, o *Memorial da Infância* apresenta um total de sete composições laudatórias: dois sonetos anónimos dedicado “à senhora Maria de Mesquita Pimentel, que depois de escrever a Paixão de Cristo, e triunfo do divino Amor, em oitava rima, escreveu a Infância de Cristo, e Triunfo do Divino Amor no mesmo verso”; outro soneto anónimo

---

42 PIMENTEL, Maria de Mesquita (Soror). *Op. cit.*, licença preliminar, fl. não numerado.

dedicado "A la Señora Maria de Mesquita em louor de su estremada virtud, y celebre ingenio"; cinco quadras "Aa senhora Maria de Mesquita en a presente obra" do Padre João de Teve e Marmeleiro; um soneto "Em louvor de soror Maria de Mesquita Pimentel, e de seu livro", do Doutor Frei Luis de Sá da Ordem de São Bernardo; outro soneto "de Frei Teodósio de Lucena da Ordem de São Bernardo"; e quatro décimas "do Padre Luis Mendez".

Normalmente, em textos de conteúdo encomiástico que precedem obras de arte maiores, é comum observar comentários associados a questões literárias, fazendo-se comparações entre a obra em apreço e outros autores de grande vulto que também cultivaram o mesmo gênero. No caso da obra de Soror Mesquita Pimentel, os poemas laudatórios preliminares evidenciam epítetos superlativos bastante diversos dos concedidos a autores masculinos, que são comentados pelo seu engenho, pela linguagem figurada elevada e pela semelhança com outros nomes da poesia da época. Com exceção das décimas do Padre Luís Mendes — que são as que mais se aproximam desta orientação — os poemas dedicados a Soror Pimentel realçam sobretudo a doçura da voz e do canto da poeta, sem grandes afirmações de teor valorativo em termos estéticos-literários. A valorização dessa doçura é sublinhada, por exemplo, em expressões como "canto suave", "brando impulso", "sutil arte", "doce pena" ... Nesses termos, a maioria dos encômios, embora não desmereçam o mérito da obra e da autora, atêm-se mais a questões de ordem pragmática, evidenciando o caráter edificante e construtivo da obra e da sua importância no cumprimento desta missão, não enveredando por considerações de natureza literária ou estética, que talvez considerassem desadequadas a uma mulher autora, a quem a insuficiência do engenho parecia definir.

Entretanto, como ainda há pouco se referiu, as décimas do Padre Luís Mendez destacam-se, nesse contexto, por serem as que mais fazem referência explícita aos méritos literários de Soror Mesquita Pimentel. Embora o Doutor Frei Luís de Sá, em seu soneto, tenha construído um anagrama em que se lê "*Maria de Mesquita Pimentel de raro ingenio y arte*", o Padre Luís Mendez elogia a monja bernarda pelo seu "alto engenho" e "sonoroso canto". No entanto, a maior evidência, nestas décimas, é a retoma de um tópico recorrente e tipificado na maioria dos encômios feitos a obras de autoria feminina do século XVII, que consistia em retirar a mulher da sua condição feminina ao associar o papel de escritora a um estatuto apenas reservado aos homens, conforme se pode verificar nesses versos:

Nesta história que teceis  
Com artifício e saber,  
Já não pareceis mulher,  
Mas Salamão pareceis:  
(...)

Considerando que, nesta época, a cultura e os conhecimentos femininos eram perspectivados (sobretudo se religiosas) como invulgares,<sup>43</sup> o discurso valorativo que se fazia

---

<sup>43</sup> Sobre o assunto, leia-se o capítulo III da obra de FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias*. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

às obras produzidas por senhoras era escorado pela convicção de que tais conhecimentos não poderiam ter sido adquiridos senão por inspiração divina. Nesse sentido, ainda que reconheça o “engenho”, o “artifício” e o “saber” de Soror Mesquita Pimentel, o Padre Luís Mendez não deixa de atribuir a sua obra ao resultado de um “saber divino”, sendo, pois, um dom de Deus (“É dom, ó aguia divina/De vosso Esposo sagrado”).

Pesem embora esses argumentos, o fato é que a presença de textos laudatórios numa obra significava que esta havia sido objeto de uma apreciação preliminar por um grupo que, normalmente, detinha algum reconhecimento no domínio das letras. O *Memorial da Infância*, no seu aparato paratextual, possibilitou à sua autora um lugar igualmente prestigiante junto daqueles que assinam os seus textos. Ainda nessa perspectiva, pode pensar-se que uma extensa e alargada apreciação preliminar, bem como o reconhecimento das qualidades da obra literária feminina em apreço, sobretudo se tratando de uma senhora religiosa, pressupõe de algum modo que ela já fosse conhecida por outras obras anteriores que terão gozado de igual mérito. No caso deste *Memorial da Infância* de Soror Mesquita Pimentel, fica-se a saber pela própria autora, no seu “Prólogo” em redondilha, que ela já tinha sido bem acolhida aquando da produção do *Memorial da Paixão*, que antecedeu a redação do *Memorial da Infância*: “O que o seu Memorial/Da Paixão solenizaste /Recebei com gosto igual/Este, pois os bens fundastes/Na Infância celestial”.

### Prólogo ao leitor

O *Memorial da Infância de Cristo*, à semelhança de tantas obras literárias do período barroco, também é constituído por um “Prólogo ao leitor”.<sup>44</sup> Os textos preambulares das várias obras impressas no século XVII, embora apresentem contornos e especificidades próprias, eram, geralmente escritos em prosa. Já o “prólogo” do poema de Mesquita Pimentel, diferentemente do que sucedeu com outras edições de obras poéticas, apresenta-se em versos de redondilha maior. Ainda assim, não deixa de cumprir a principal funcionalidade que define esse tipo de textos, que a de é apresentar a obra ao leitor e justificar as motivações do autor na escolha da temática.

Assim, no seu “Prólogo ao leitor”, a religiosa de Évora começa por comunicar o assunto que se propõe cantar na sua epopeia:

A infância gloriosa  
Do minino triunfante,  
Que não teve semelhante,

---

<sup>44</sup> Maria Lucília Gonçalves Pires refere que os textos preambulares do período barroco apresentam diferentes denominações: “prólogo”, “proémio”, “prelúdio”, “prolegómeno” e “prefácio”. Em todos estes casos, predomina uma mesma função: que é a de introduzir o leitor. Cf. PIRES, Maria Lucília Gonçalves. “Prólogo e antiprólogo na época barroca”. In LEPECKI, Maria Lúcia; PIRES, Lucília Gonçalves; MENDES, Margarida Vieira (orgs.). *Para uma história das Ideias Literárias em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 33-59, 1980, pp. 33-36.

Na grandeza poderosa  
De *ab initio* Deus amante.

Em aplausos de memória  
Vos dou leitores prudentes,  
Mistérios de tanta glória,  
Festejai-os sapientes,  
Celebrai tão alta história.

Embora se trate de um herói menino (aparentemente configurando um herói frágil e pouco compatível com o registo épico), Mesquita Pimentel enfatiza as razões pelas quais ele é merecedor de ser tratado em verso heroico, “porque fora o Canto dino/Dos aplausos que pedia/Este assumpto tão divino”. Aliás, logo desde a primeira estrofe, a área lexical convocada define contornos de epicidade: “gloriosa”, “triunfante”, “grandeza”, “poderosa”, “glória”, “alta”.

Seguem-se versos que se reproduzem, simultaneamente, nos códigos do épico e no tópico da humildade exigido socialmente às mulheres que publicam. Aí, Mesquita Pimentel refere a sua incapacidade para tratar de assunto tão grandioso como o que anuncia. Contudo, mesmo considerando que “cantar de tal sujeito” seria “temerário atrevimento”, não contém a sua vontade de louvar a Deus e, mesmo sentindo-se dividida, concretiza o seu intento:

Que meu saber nesta empresa  
Mostre quão pouco comprede  
Quando a devação se estende,  
Não me afronta esta pobreza,  
Entenda-me quem me entende.  
(...)  
Mas pois que tão limitado  
Pulsa meu saber humano  
Nos primores de atilado,  
Não posso mais, sinto o dano  
De o ser tão discantado.

Tíbio e falto meu engenho  
Grande e veemente a vontade  
Sinto grão contrariedade  
Porque quando a cantar venho,  
Um quer, outro dissuade.

Estes versos refletem um investimento na *captatio benevolentiae*, um recurso bastante explorado pelos autores nos seus prólogos. É frequente ver, nestes textos, o uso do tópico da “falsa modéstia”, pelo qual o autor se considera, de um modo geral, ignorante e incapaz de proceder à exposição narrativa de assuntos que considera nobres e elevados. No caso de Mesquita Pimentel, por se tratar de uma religiosa, este tópico da “falsa modéstia” adquire uma conotação diferente, pois o que num autor masculino seria considerado “falsa modéstia”, no caso de uma autora seria percebido como autoconhecimento de uma real insuficiência. Aliás, não poderia ser editada uma obra de autoria feminina sem esse pressuposto que tranquilizava a ordem social, levando a que à escrita da autora fosse atribuída uma origem divina ou uma classificação que lhe atribuída poderes que transcendiam a sua natureza feminina. À mulher não

era reconhecida, ainda naquela época, uma voz de autoridade. Desse modo, o reconhecimento da narradora do seu “fraco talento”, “tosca voz” e “saber limitado” é simultaneamente código poético do épico e salvo-conduto para a recepção pacífica da sua obra.

Aproximando-se já dos últimos versos do “Prólogo”, vê-se claramente os motivos pragmáticos que justificam a sua produção:

Ainda que com grosseiro  
Pincel o pinto nacido,  
Nas almas seja esculpido.  
Que seu amor verdadeiro  
O pintará mais luzido.  
(...)  
Sempre nas almas morada  
Lhe deve ser concedida,  
Pois dá a quem o convida  
Em prémio dessa pousada  
Luz, descanso, glória e vida.

Nesse sentido, mais do que cantar a infância de Cristo, Mesquita Pimentel tem como principal objetivo conduzir as almas à devoção ao Menino Jesus e, assim, dar a conhecer a grandeza do amor de Deus. E por isso, ela espera que o seu poema, ainda que tosco, fraco e humilde, seja capaz de mover e comover o público ao qual a sua obra se destina.

### **O Memorial dos Milagres de Cristo**

O *Memorial dos Milagres de Cristo*, conforme já foi referido atrás, não chegou a ser editado, embora tenha sido proposto para impressão, juntamente com o *Memorial da Infância*. Com efeito, numa das licenças concedidas ao poema sobre a infância de Cristo, o *Memorial dos Milagres* é também abrangido na autorização para edição, tal como se pode comprovar nas licenças concedidas em Abril e Maio de 1637. Embora tenhamos realizado várias pesquisas em arquivos para tentar localizar os pareceres de censura desta obra e, também, do *Memorial da Paixão*, não nos foi possível obter qualquer documento que viesse a corroborar as nossas suspeitas de que o *Memorial dos Milagres* pudesse ter sido impresso, embora não tivesse licença para circular.

O manuscrito que hoje se encontra preservado na BPE (cód. 406 Fundo Manizola) é composto justamente pelas duas obras que ficaram inéditas: a segunda parte, intitulada *Vida e Milagres de Cristo* (que ocupa os primeiros 292 fólhos) e, a terceira, *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor*. Nos primeiros fólhos, encontramos algumas referências que indicam os nomes de alguns possíveis possuidores. No fólho inicial, por exemplo, referiu-se os Dr. Francisco Jorge de Castro e Gonçalo Lopes de Carvalho. Já no rodapé, temos a indicação do local por onde o manuscrito circulou: o Convento de *Corpus Christi* de religiosos Carmelitas Descalços, em Lisboa. No verso desse mesmo fólho, lê-se a indicação de que o manuscrito pertenceu à Livraria de Alexandre Metello de Souza Meneses. Sobre esse pormenor, Maria do Rosário Morujão observa, no entanto, que “a referência à autografia e ao possuidor do códice [Alexandre Metello

de Souza Menezes] permite-nos concluir que o códice que Inocêncio viu não era aquele que hoje se conserva na biblioteca eborense”.<sup>45</sup> De fato, conforme demonstra M. R. Morujão, “o manuscrito da coleção Manizola deve-se a diversas mãos, pondo portanto de lado a hipótese de ter saído da pena de Soror Pimentel, apesar de se saber da sua destreza no seu uso, visto ter sido escritã no mosteiro de Cástris durante vários anos”.<sup>46</sup>

## Prólogo ao leitor

O *Memorial dos Milagres* também é composto por um “Prólogo” em redondilha maior, no qual Soror Maria de Mesquita Pimentel sintetiza os principais motivos que a levaram a escrever sobre os milagres operados por Jesus. Nele, a religiosa de Évora propõe-se cantar “a vida soberana/Da Fénix Cristo que a forma”. Além do desejo de glorificar as maravilhas de Cristo e de exaltar a sua magnificência, a autora intenta, sobretudo, oferecer a toda a humanidade (“príncipe, reis, senhores”, “humildes, pobres pequenos”), uma história de exemplaridade, visando atingir os seus leitores, de modo a que estes possam alcançar «as glórias deleitosas».

Nesse sentido, depois de afirmar, através de expressões adjetivais, as múltiplas essências de Deus (“Árvore é da doce vida”, “É jardim fresco e ameno”, “É ramalhete de mirra”, “É fragua de doce fogo”, “É de divinos deleites”, “É feira rica abundante”, “É medicina de enfermos”), Mesquita Pimentel incita o leitor a tirar proveito da história que será narrada ao longo de seu Memorial, pois nela se encerra “A mais moral e divina/Doce, amável, proveitosa/Matéria que uma alma alenta (...)”. Assim, a poeta expressa o alcance que pretende dar a sua obra:

Os prudentes e avisados  
Bebam desta fonte as gotas  
Receberão mais ciência  
Pois ela os sábios melhora.

As virgens que consagradas  
Cada qual a Cristo adora,  
Transformem-se nesta vida,  
Terão glórias deleitosas.

Não fique nenhum estado  
Que dela não se socorra,  
Que é vida que anima a todos,  
Vida que todos consola.

Os versos acima transcritos expressam, não apenas os objetivos de Soror Pimentel, mas também a funcionalidade de sua obra, que não se restringe a uma circulação exclusivamente monástica ou comunitária (“não fique nenhum estado que delas não se socorra”). Refira-se que

---

<sup>45</sup> MORUJÃO, Maria do Rosário. “A escrita do Memorial dos Milagres”. In MORUJÃO, Isabel (coord.); CONDE, Antónia Fialho; MORUJÃO, Maria do Rosário. *Em treze Cantos: epopeia feminina em recinto monástico. O Memorial dos Milagres de Cristo de Maria de Mesquita Pimentel*. Braga: CITCEM/CIDEHUS/CHSC, 59-69, 2014, p. 60.

<sup>46</sup> MORUJÃO, Maria do Rosário. A escrita do Memorial... *Op. cit.*, p.60.

a atividade poética emanada da clausura feminina apresentava, sobretudo, uma função formadora, razão pela qual esse tipo de produção expressa muito mais uma preocupação com os temas do que com as formas. Assim, é possível perceber, a partir destes versos, que a autora tem a preocupação de atuar eficazmente sobre os seus destinatários. Veja-se que, na segunda quadra, a autora refere, inclusive, “as virgens consagradas”, ou seja, as suas companheiras de clausura, interpelando-as a seguir os passos de Cristo para gozarem as “glórias deleitosas”.

Portanto, mais do que sublinhar a dimensão heroica do amor de Deus — demonstrada através dos milagres operados por Cristo —, nesse seu texto preambular, Soror Mesquita Pimentel expressa o desejo de consagrar na memória, na alma e, sobretudo, no coração de seus leitores um exemplo de santidade (o maior de todos eles), a ser seguido por todos os que aspiram a uma vida virtuosa.

Só ofereço a vontade  
Que tive compondo esta obra  
De todos se aproveitarem  
De vida tão milagrosa

O Céu permita que quantas  
Almas lerem esta história,  
Pelos seus merecimentos  
Todas se vejam na glória.<sup>47</sup>

### **O Memorial da Paixão de Cristo**

Relativamente ao *Memorial da Paixão*, uma das primeiras diferenças que se destaca entre este poema manuscrito e os outros dois Memoriais da autora é a ausência de paratextos, explicada justamente pelo fato desta obra não ter chegado ao prelo. Não deixa de ser curioso, entretanto, o fato de o *Memorial dos Milagres* (que também se conservou manuscrito) apresentar um Prólogo ao leitor. O que justificaria essa ausência intrigante é algo que julgo não poder afirmar com grande convicção, pois até mesmo fatores externos, como o manuseamento do manuscrito em tempos já recuados, poderão ter ocasionado a retirada dos fólios correspondentes ao prólogo. Mas teria sido realmente uma opção da autora o fato de não incluir um prólogo ao leitor nos *Milagres*, mesmo que os outros dois poemas integrem um? Logicamente, não nos parece razoável. A ausência pode explicar-se, apesar de tudo, pelo fato do *Memorial da Paixão* ter sido o primeiro poema a ser escrito e de a autora não ter ainda desenvolvido a estrutura da obra apoiando-se neste gênero. São questões a que, dificilmente, poderemos dar uma resposta concreta e irrefutável.

---

<sup>47</sup> MORUJÃO, Isabel (coord.); CONDE, Antônia Fialho; MORUJÃO, Maria do Rosário. *Em treze Cantos: epopeia feminina em recinto monástico. O Memorial dos Milagres de Cristo de Maria de Mesquita Pimentel*. Braga: CITCEM/CIDEHUS/CHSC, 2014, p. 84.

## Considerações finais

Os paratextos destas obras, conforme pudemos observar, apresentam pormenores esclarecedores, revestindo-se de uma dimensão significativa quer por permitir recuperar informações quanto ao contexto de produção e recepção dos Memoriais, quer por evidenciar a vertente pragmática das obras, quer ainda por ajudar a perceber como a autora perspectivou a sua produção, no que diz respeito particularmente à intenção com que esta foi escrita e a quem se destinava. As licenças e os poemas laudatórios fornecem dados preciosos do favor que o *Memorial da Infância e dos Milagres* logrou alcançar no seu tempo. Possivelmente, Soror Mesquita Pimentel já era conhecida dentro e fora do claustro pelas suas produções, pois, como afirmou certa vez José Maria da Costa e Silva, nenhum engenho, por maior que fosse, principia pela composição de uma epopeia. De fato, em se tratando de um gênero extremamente codificado e de difícil elaboração, é natural que aquele que nele escreve já possua experiência prévia no âmbito da poesia. Soror Maria de Mesquita Pimentel escreveu outros poemas? Com toda a probabilidade, sim. Mas onde estarão eles, se é que ainda existem, é algo que se desconhece até hoje, apesar das muitas “demandas” para os localizar. Ficaram, muito provavelmente, parafraseando aqui Silva, sepultados sob a poeira das bibliotecas conventuais ou, se tiradas de posse de alguém, sabe Deus o fim que tiveram. Concretamente, sabe-se apenas que escreveu três longos poemas épicos cuja autoria é incontestável.

## Referências

ALDEA VAQUERO, Quintín *et al.* *Diccionario de Historia Eclesiastica de España*, Madrid: Instituto Enrique Florez, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1972.

ASSUMPÇÃO, T. Lino da. *As freiras de Lorvão (ensaio de monografia monástica)*. Coimbra: França Anado, 1899.

BARANDA, Nieves. «Mujer, escritura y fama: la Hespaña Libertada (1618) de Doña Bernarda Ferreira de Lacerda». In *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, n. 0, Madrid, 225-239, 2003.

BARROS, Teresa Leitão de. *Escritoras de Portugal: Génio Feminino revelado na Literatura Portuguesa (2 vols.)*. Lisboa: Tipografia de Antonio B. Antunes, 1924.

CÉU, Maria do (Soror). *A Preciosa. Obras de misericórdia*. Segunda Parte. Lisboa Ocidental: na Oficina de Música, 1733.

CÉU, Maria do (Soror). *Obras Várias e Admiráveis da M. R. Madre Maria do Céu...*, Lisboa: Manuel Fernandes da Costa, 1735.

CONDE, Antónia Fialho. *Cister ao sul do Tejo - O mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

COX, Virgínia. *The Prodigious Muse: women's writing in Counter-reformation Italy*. Baltimore: The Johns Hopking University Press, 2011.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

GENETTE, Gerard. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GLÓRIA, Madalena da (Soror). *Orbe Celeste Adornado de Brilhantes Estrelas e Dois Ramilhetes*. Autora Leonarda Gil da Gama. Lisboa: Oficina de Pedro Ferreira, Impressor da Rainha, 1742.

MORUJÃO, Isabel. «Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: o Memorial da Infância de Cristo, de Soror Maria de Mesquita Pimentel». In *Via Spiritus*, n. 5, 177-208, 1998.

MORUJÃO, Isabel. *Por trás da grade. Poesia conventual feminina em Portugal (Séculos XVI – XVIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

MORUJÃO, Isabel (coord.); CONDE, Antónia Fialho; MORUJÃO, Maria do Rosário. *Em treze Cantos: epopeia feminina em recinto monástico. O Memorial dos Milagres de Cristo* de Maria de Mesquita Pimentel. Braga: CITCEM/CIDEHUS/CHSC, 2014.

MORUJÃO, Maria do Rosário. «A escrita do Memorial dos Milagres». In MORUJÃO, Isabel (coord.); CONDE, Antónia Fialho; MORUJÃO, Maria do Rosário, *Em treze Cantos: epopeia feminina em recinto monástico. O Memorial dos Milagres de Cristo* de Maria de Mesquita Pimentel. Braga: CITCEM/CIDEHUS/CHSC, 59-69, 2014.

PIMENTEL, Maria de Mesquita (Soror). *Memorial da Infância de Christo e Triunfo do divino amor*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1639.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. «Prólogo e antiprólogo na época barroca». In LEPECKI, Maria Lúcia; PIRES, Lucília Gonçalves; MENDES, Margarida Vieira (orgs.). *Para uma história das Ideias Literárias em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 35-59, 1980.

SILVA, Geise Kelly Teixeira da. *Poesia épica feminina em Portugal: os Memoriais de Soror Maria de Mesquita Pimentel (século XVII)*. 2021. Tese (Doutorado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Vol. 6. Lisboa: Imprensa Nacional, 1972[1858], pp. 141-142.

SILVA, José Maria da Costa e. *Ensaio bibliographico-crítico sobre os melhores poetas portuguezes*. Tomo IX. Lisboa: na Imprensa Silviana, 1855.